



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14389 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

DAYSA GUERRA: MEMÓRIAS DO EXERCÍCIO DOCENTE

Edilene Batista Gomes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Romyel Nunes da Fonseca - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

DAYSA GUERRA: MEMÓRIAS DO EXERCÍCIO DOCENTE

Resumo

Este trabalho se insere no campo da história da educação e tem como objeto de estudo a trajetória docente da professora Daysa Alencar Guerra na cidade de Monte Alegre do Piauí entre as décadas de 1956 e 1984. Objetiva-se compreender a constituição da sua identidade docente e os desafios enfrentados no exercício profissional. Para alcançar este propósito, realizou-se uma pesquisa amparada nos pressupostos metodológicos da história oral, utilizando a entrevista semiestruturada como procedimento de coleta de dados. A professora Daysa Alencar Guerra foi precursora na educação montealegrense, a primeira professora nomeada da cidade para dar início ao processo de escolarização. Ao considerar a ausência de produções acadêmicas no contexto da educação montealegrense, e especificamente sobre a trajetória da professora Daysa Alencar Guerra, percebeu-se a importância em descrever seu percurso na educação, ressaltando os desafios enfrentados no cotidiano do trabalho docente. Os resultados apontam que os desafios no exercício profissional foram vários, mas foi enfatizado a ausência de uma estrutura física adequada e a dificuldade de aquisição dos recursos didáticos, dentre outros; e a sua identidade docente se constituiu no percurso do exercício profissional, aspectos da formação acadêmica e do cotidiano escolar.

Palavras-chave: História da educação, Formação docente, Prática educativa.

Introdução

Ao considerar que a identidade docente é construída no decorrer do exercício profissional, esse estudo baseia-se no breve relato da trajetória profissional de uma professora que foi pioneira no processo de escolarização na cidade de Monte Alegre do Piauí. Assim, objetiva-se compreender a constituição da identidade docente e os desafios enfrentados no exercício profissional da professora Daysa Alencar Guerra.

Nesse sentido, Nóvoa (1992, p. 16) elucida que “a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. ” Está relacionada à percepção tanto pessoal quanto profissional, é um processo contínuo que envolve múltiplos aspectos do fazer docente. Dessa forma, compreende-se que a identidade docente faz parte de todo o percurso do exercício profissional do professor, é construída cotidianamente de acordo às vivências pessoais e profissionais.

A esse respeito, Paulo Freire (1991, p. 58) evidencia que “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Nessa perspectiva, a constituição da identidade docente é influenciada pela formação acadêmica e principalmente pelo exercício profissional e pelas experiências vivenciadas.

De tal modo, pressupõe-se que a partir das reminiscências será possível adentrar em suas primeiras experiências como docente e conhecer os caminhos encontrados para superar os desafios enfrentados na formação e exercício docente. Ademais, dar visibilidade a trajetória formativa de professores da cidade de Monte alegre, é valorizar um legado educacional pouco explorado no campo da historiografia regional.

De acordo com Barros e Santos (2023, p. 5) “os professores que narram suas histórias e igualmente as histórias do ambiente social e profissional ao qual pertencem, tem a função de preservar, de dar continuidade à experiência dos relatos de uma comunidade [...]”, assim sendo, a pesquisa se justifica pela possibilidade de evidenciar por meio das memórias, a história de educadores montealegrenses, mais especificamente da professora Daysa Alencar Guerra, como também fomentar a realização de pesquisas nessa temática que carece de estudos mais aprofundados e assim contribuir com a comunidade acadêmica.

Por fim, acredita-se que “ao dar significado as práticas e experiências de educadores (as) enfatiza-se a reconstrução da memória de um segmento social que não pode perder suas referências identitárias, muitas vezes tragadas pelos processos de esquecimento, [...]” (BRESSANIM, SANTOS E ALMEIDA, 2022, p. 23).

Metodologia

Por compreender que a metodologia é o caminho percorrido para alcançar os objetivos elencados no estudo, utilizou-se como aporte metodológico os pressupostos teóricos da História Oral, definidos por Alberti (2013, p. 24) como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fonte de consultas (as entrevistas) [...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que dele participaram ou testemunharam (ALBERTI, 2013, p. 24).

Nesse sentido, o procedimento de coleta de dados realizado por meio da entrevista semiestruturada, permitiu conhecer a trajetória profissional da professora Daysa Guerra, uma vez que “a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” (ALBERTI, 2013, p. 30). Assim, ao considerar que não há publicações a respeito do objeto de estudo, a metodologia de história oral foi fundamental na constituição da presente pesquisa.

Além do mais, segundo Bosi (2003, p. 15) “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. De acordo com a autora, a memória oral se configura como mediadora da cultura entre as gerações ao evidenciar as vozes silenciadas pela historiografia oficial.

Para fins de escrita e fundamentação teórica relacionado ao assunto abordado, amparou-se nas concepções de autores como Nóvoa (1992), Paulo Freire (1991), Pimenta (1996), dentre outros que discorrem a respeito da temática em questão. Portanto, após apresentar brevemente os conceitos de história oral, e alguns dos autores que embasaram a escrita, prossegue-se no tópico subsequente com as vivências do cotidiano escolar da professora Daysa Guerra no contexto da educação de Monte Alegre do Piauí.

Memórias do cotidiano escolar e desafios na formação docente

Ser professor sempre foi bastante desafiador, não apenas nos primórdios do processo de escolarização, mas sobretudo no tempo presente. No entanto, os desafios se constituem como experiências únicas que contribuem para a vida pessoal e profissional do docente.

A professora Daysa Guerra nasceu em 13 de outubro de 1931 na cidade de Remanso no estado da Bahia. Seu pai era professor, ela ficou órfã de mãe aos seis meses de vida e foi criada pelos avós maternos que a incentivaram e deram condições de estudar. Estudou em um colégio de freiras da 3ª série do primário até a conclusão do Magistério. Desde a infância, já brincava de ser professora das crianças (primos e agregados) que moravam na fazenda dos avós, onde nasceu. Em 1951, após concluir os estudos no Colégio das Sacramentinhas em Senhor do Bonfim – BA, retornou para Remanso e atuou como professora no povoado Marcos e no grupo escolar Getúlio Vargas.

Posteriormente, casou-se e em 1955 mudou-se para Monte Alegre do Piauí, uma pequena cidade recém-emancipada politicamente que estava no início do seu

desenvolvimento, mas que já possuía um quantitativo populacional em constante expansão em decorrência das atividades do garimpo. Com relação ao aspecto educacional, este ainda não havia se consolidado, e a sua chegada foi um fator relevante para que esse processo se iniciasse.

Ao chegar em Monte Alegre, logo foi convidada pelo primeiro prefeito da cidade para assumir a área educacional, atuando como professora. A princípio as aulas eram realizadas em um pequeno espaço, ainda em construção, ao qual ela nomeou de José de Anchieta; muito religiosa e ligada as tradições, essa foi uma forma de homenagear a escola a qual ela realizou seu estágio durante a formação na Bahia. A escola ofertava apenas o ensino primário. Mas o exercício da sua profissão ia além da sala e aula, posto que teve assumir quase todas as atribuições da escola.

Nesse sentido, suas funções excediam o exercício docente. Muitos desafios foram enfrentados inicialmente, desde a carência de estrutura física, materiais didáticos, recursos humanos. Havia apenas duas professoras, e um quantitativo de alunos que excedia as acomodações do espaço escolar, com a necessidade de atender em dois turnos.

Mas a sua contribuição em prol da educação montealegrense não se encerrou com a criação da Unidade escolar José de Anchieta. Em 1967, com a chegada do padre Raimundo Dias Negreiros, a cidade além de ter recebido o seu primeiro padre, ganhou também um impulso para o avanço educacional, visto que este fundou a primeira escola de ensino secundário, uma escola confessional católica. E, a professora Daysa Guerra foi uma das personalidades atuantes para a efetivação desse propósito.

Nessa instituição confessional católica denominada Ginásio Nossa Senhora de Fátima, a professora Daysa Guerra atuou em diversas funções, assim como ocorreu na escola José de Anchieta, conforme descrito por ela: “eu era professora, mas também era secretária, era tesoureira, vice-diretora, era tudo” (GUERRA, 2022). Ela era o braço direito do padre Raimundo, pela experiência que já possuía na gestão escolar e pelo empenho não apenas na educação, mas também com as questões religiosas. O auxiliava e também o representava quando ele precisava se ausentar. Em seus relatos, ela relembra o carinho pela instituição e por tudo que vivenciou em sua trajetória. Amava tanto a educação que ainda trabalhou por dois anos após sua aposentadoria.

Sendo assim, a professora Daysa Guerra considera que a sua identidade docente foi construída no percurso do seu exercício profissional, que obteve uma formação acadêmica direcionada para esse fim, além do incentivo do pai como professor que a inspirou, bem como os desafios enfrentados com a precarização da educação. Ela trabalhou nas duas escolas até a sua aposentadoria, e essas foram as primeiras instituições escolares da cidade de Monte Alegre do Piauí. Aliado a isso, ressalta-se a concepção de Pimenta (1996) ao defender a constituição da identidade docente como algo pertencente a formação tanto inicial quanto continuada do professor:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válido ás necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas á luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (PIMENTA, 1996, p. 76).

Em seus relatos, a professora Daysa Guerra relembra essa dinamicidade no processo educacional, a reflexão sobre a prática que permitia repensá-la e buscar estratégias que facilitassem a aprendizagem dos alunos frente as especificidades de cada um: “analisava o que estava funcionando e o que não estava, e mesmo com todas as dificuldades, falta de recursos, a gente buscava melhorias para a aprendizagem dos alunos” (GUERRA, 2022).

Considerações

O estudo em pauta narrou a trajetória docente da professora Daysa Alencar Guerra no contexto educacional montealegrense, nos proporcionando uma excursão pelas nuances do processo tanto da sua formação quanto do exercício docente. Ao considerar que exercer a docência sempre esteve em seus planos, ela caracterizou sua trajetória como a realização de um sonho, pois sempre quis ser professora.

Suas narrativas evidenciaram aspectos do cotidiano escolar, a precariedade quanto a estrutura física e materiais didáticos, a ausência de recursos humanos, mas também o seu empenho e dedicação ao processo educacional. Observou-se que embora tenha enfrentado inúmeros desafios, ela sempre foi uma entusiasta da área educacional, uma mulher de muita fé, que sempre acreditou no poder transformador da educação; expressa muito carinho e admiração pela sua trajetória, pelos alunos, o ato de recordar esses momentos lhe causaram bastante emoção.

A partir dos seus relatos, compreendeu-se que as experiências e os desafios presentes no exercício profissional foram fatores que influenciaram na constituição da sua identidade docente, e ainda que muitas vezes exaustivas, as funções exercidas além da sala de aula contribuíram significativamente tanto para o desenvolvimento da educação quanto para o seu crescimento e reconhecimento profissional.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed.rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BARROS, Aragoniede Martins; SANTOS, Jocyléia Santana dos. Educação em Miracema do Norte: instituições educativas tocantinas. **Revista Missioneira**, v. 25, n. 1, p. 03-19, 5 jan. 2023.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê

Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

NÓVOA, Antônio. **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89. 1996.